

Valdir L. Queiroz

Libertar Passarinhos



Prêmio Blocos 1999

## INDICE

Liberdade .....	5
Quando o amanhã vier .....	6
Monalisa do sertão .....	7
Dissertação .....	8
Dissertação III .....	9
Auto pintura .....	10
Baby .....	12
Petúnias .....	14
Pois é .....	15
Êxodo natalino .....	16
Confissão .....	17
Desafeto .....	18
Gato pingado .....	19
Sinopse .....	20
Flor lunar .....	22
Fera-flor .....	23
Triste .....	24
Exaltação vitae .....	25
Confissão sem dor .....	26
Incompatibilidade de tempos.....	27
Introdução a vontade de ter você ..	28
Realidade precoce .....	29
Da necessidade de agredir você ...	30
Auto taberna .....	31
Boêmia .....	33
Prematura ausência .....	34

Testamento à vida .....	35
Ausência .....	36
Retra todefa milia .....	37
Canto parnaso .....	38
Maria e João pernalta filho .....	39
Homem: fera racional .....	40
Poema entre aspas .....	41
Carisma .....	42
Fato .....	43
Macedo I .....	44
Macedo II .....	45
Primavera .....	46
Cidade pequena .....	47
Velhice .....	48
Libertar passarinhos .....	49
Vrum .....	50
Tempo I .....	51
Luz .....	52
O beijo .....	53
Capital S/A.....	54
Tempo II .....	55
Adeus .....	56
Contato com o Autor .....	57

## PREFÁCIO

Quando recebi, honrado, o convite do amigo-irmão-compadre Valdir Leite Queiroz para prefaciá-lo seu “Libertar Passarinhos”, confesso que me perguntei se era a pessoa certa para fazê-lo, porquanto tenho andado tão afastado da poesia nos últimos tempos, poeta temporão que sou.

Diante da tarefa comecei a ler a sua obra, e que obra! Eu estava diante da poesia novamente, e que prazer me deu a leitura de seus versos, lá estava eu sedento por poesia saciando enfim minha sede. Experimentando em cada palavra uma emoção, em cada verso uma constatação: a poesia de Valdir tem o brilho ardente das coisas inquietas, ela nos decifra e nos desnuda, de forma profunda e sincera. A poesia de Valdir eu conheço de longa data são os mesmos versos fortes que espreitam a nossa alma e traduzem os nossos sentimentos tempos atrás, com o lirismo característico de seus versos, como, por exemplo, no poema “TEMPO II”, que fala da adolescência que foi embora sem a gente dar fé, e do menino que teima em morar em cada um de nós, sem dar bola para os

cabelos brancos que brotam com uma rapidez cruel demais.

Seus versos falam da vida simples da cidadezinha, e das coisas que só podemos ter nas cidadezinhas, porque há tempo de sobra e as pessoas tem nome, e as ruas ainda são hospitaleiras, em “libertar Passarinhos” ele se pergunta se haverá passarinhos, é uma pergunta difícil caro poeta, mas enquanto houver versos como os seus haverá passarinhos.

Esta obra tenho certeza é apenas a primeira de várias outras que se seguirão, uma vez que graças a Deus ele não para de escrever e sempre com o mesmo encantamento, com a mesma luz louca que só os poetas tem, porque a poesia é assim mesmo, febril, louca e iluminada, como os diamantes.

Vilmar Barros de Oliveira

A nossos filhos:

Hugo e Tanyla.

Neif.

Diego.

Larissa.

Thais, Thiago e Thalita.

Ludmila.

Marlon e Amanda.

Artur.

Raul César e Lucas.

Gabriela e Isabela.

Natalia.

Susana e Vinícius.

Cleberon e Robson.

Bruno e Nayara.

Thays e Thamyres.

Lucas ( Gol do Brasil) e Amanda.

Estela e Alessandra.

Pedro e Lorena.

Melina e Jordana.

Camila e Júnior.

e Arthur

Alguns de sangue,  
outros de vida.

## LIBERDADE

Vejo nos olhos da virgem  
a lei da liberdade;  
vejo na virgindade  
o poder do pecado;  
vejo no pecado  
a transgressão da liberdade

e fiquei cego nos olhos  
da virgem.

## QUANDO O AMANHA VIER

Deixe-me um pedaço do teu sonho  
que eu aprenderei a ser  
um eterno sonâmbulo.

Dei-me uma gota do teu sangue  
que eu ensinarei meu corpo a  
viver a eternidade.

Dei-me as tuas verdades  
e faça de mim o profeta da paz.

Dei-me tua dor mais profunda  
que eu farei de si a trave  
do meu coração.

Dei-me o teu beijo  
mais louco e faça de mim  
um débil mental.

## MONALISA DO SERTÃO

( A nós, retirantes)

De cativante  
só o aspecto mórbido e moribundo  
de gente-bicho.

Trazia consigo duas sementes  
que parecia ser (ou seria?)  
a humildade e a simplicidade  
vítimas da peregrinação.

No estômago: asfalto molhado;  
no coração: esperança de bicho-  
gente;  
na cabeça: miolos doídos pelo sol  
do sertão;  
nos pés: a marca do chão que  
um dia fez pão e a fome matou...

Porque vives no anonimato  
Monalisa do sertão ?  
Teu pintor no porão te guardou ?  
Ou a seca tua paisagem  
queimou ?

## DISSERTAÇÃO

Tenho medo.

Medo de flor do deserto  
que teme o olhar do jardineiro  
e ama os olhos do abutre.

Tenho amor.

Amor de flor que "nasce"  
no asfalto;  
amor de peixe que "vive"  
em aquário;  
amor de pássaro que "morre"  
em gaiola;  
amor de gente que espera  
outrora.

### DISSERTAÇÃO III

Também te vi sobre a colisão  
dos desejos;  
te vi com aspecto de  
amor imoral.

Te vi corroendo o orgulho  
e alcançando a incógnita.

Te vi de sol pintada  
de penumbra coberta e  
de orgasmo sofrido.

Te vi de vontade imperfeita  
e de amor engolida.

Também te vi, no meu espelho  
inacabado naquela noite de sol  
sem pincel e luar qual gaivota  
sem mar.  
Te vi.

## AUTO PINTURA

Em destinos de gralhas,  
perambulo eu.

Sonho estradas de ventos amigos  
que enxugue as lágrimas de  
olhos perdidos.

Sonho calor, em mãos  
aquecidas de amor e sabor.

Falo horrores e odores  
de terras benquistas por não  
existir.

Grito a poluição que me irrita  
a mente, tinge-me os lábios e  
cega-me os olhos...  
Adormeço sempre em vômitos  
sonoros.

Choro sem lágrimas  
e sem som  
sou cego e surdo  
sempre que choro.

-Mandam-me de dia  
andam-me de dia  
julgam-me de dia  
pintam-me de dia,  
talvez me façam na primeira  
metade da noite...

Na segunda metade  
sem línguas para julgar-me,  
aprecio a lua conto as estrelas  
e dou cambalhotas na poeira.

## BABY

No respingar da neblina  
entendi teu ser, teu mar,  
tua alma e teu luar.

A neblina molhou minha  
face e ante o espelho  
vi meu rosto chorado.

Na rua do teu céu  
esperei o luar...  
o luar não veio.

Esperei tua alma...  
tua alma não veio.

Esperei teu ser que se  
desvaneceu até tornar-se  
gaivota.

E esperei teu mar,  
mas nem maré teu mar mandou...

Ficamos só,  
eu e o céu de tua rua.

Brincamos de solidão,  
queria brincar de saudades  
mas o vento achou pôr bem  
bailar em outras ruas.

E de que valeria ficar só  
com minha saudade;

melhor seria brincar  
de sol: fazer minha rota  
e ignorar a todos.

Das rotas que não  
lhe conto,  
perambulo passadas de  
vento, de vento é meu  
pensamento...

Das rotas que não lhe  
conto, desfolho contos, e os  
publicarei na face oculta  
da lua.

## PETÚNIAS

Quero prever teu dilúvio  
e preparar minha jangada,  
fazer de tuas pinturas  
uma solidão na minha viagem;  
vou te levar na minha parede  
de mãos pregadas no teto e  
perfurar marmotos com a ajuda de  
tua visão.

Vou me olhar nos teus olhos  
e dizer-me que te espero.

Esperado vou sumir nos  
teus olhos.

Desesperado viverei nas saliências  
e petúncias deste terreno.

POIS É...

Quando eu partir,  
com minha mente em transplante,  
quero te dar meu odor de  
terra em fecundação  
quero te dar meu amor  
em cólera e algodão.

Quero caminhar no verde  
do teu paraíso e sentir  
o debandar de minha mente.

Vou pedir a você que ame,  
ame enquanto sou tempestade  
pois meu transplante é temporário.

## ÊXODO NATALINO

(A nós, do cortiço)

Amanheço com sabor de dentes  
dentre os sonhos  
sonâmbulo, saio às ruas com  
pálpebras que não se abrem.

Solícito  
recolho panfletos, leio murais  
e observo os "auto-suicidas"  
que se automatizam no último andar  
de um emaranhado cúbico.

### II

Paro no sinal,  
espero as renas passarem.  
- Sentem sede talvez.

### III

Olho-me na quinta em  
pensamentos de proletariado:  
uma reta de sentido para o céu.  
- Inocente!

Volto no mesmo itinerário.  
Deito, penso, exalo  
e acordo sem sonhos.  
- Porque é natal.

Saio às ruas, recolho  
panfletos, leio murais  
e morro, morro porque é natal.  
- Porque é natal?

## CONFISSÃO

Já trago nos lábios  
o sabor de teus olhos  
e vejo-te sempre  
de olhos molhados.

Nunca te vi chorar;  
mas porque trago sempre  
as mãos molhadas se a tua  
boca nunca tem sede?

Porque as veredas desta  
rapsódia me leva  
ao caminho da mutilação?

Confissão.

## DESAFETO

O medo, de olhos azuis  
passou-me em visita,  
com a boca escassa,  
propôs unificar-me a  
esse loquaz desafeto.

Não volto a chorar.  
Prefiro enxugar-lhe os  
olhos que sempre se mostram  
molhados, por desafeto, talvez;  
concordo.

Mas porque andas galopando  
em vermes, se te prefiro  
azulada no meu lago a  
afogar-se?

O desafeto escassa, o escasso  
que sou; e loquaz, por necessidades,  
volto à mamãe que esta sempre  
azulada com pintinhas brilhantes  
na face.

## GATO PINGADO

(A nós, inquilinos)

Um gato pingado com  
o peito cheio de catarro.  
Tão cheio quanto um gato  
pingado de peito cheio  
de catarro:

Há muitas janelas neuróticas  
com moças loiras de rosas  
murchas nos seios.

O sol deste éden s(é)rá  
podre e ocioso mesmo que  
haja paz (e/ou pax dómini).

Mamãe é uma dama com  
rótulos e sem tampa  
que tem amor status...

Eu?...  
Eu só existo(?) por você  
e por você sou esse  
gato pingado.

Por você debruço em  
janelas neuróticas e sugo  
os seios pálidos de minha  
mente.

## SINOPSE

Não quero deixar no  
lamento o desespero  
nem morrer de cansaço  
no primeiro desvio de  
minha mente.

Não quero armar no tempo  
um templo de resumos e  
panfletos de minha germinação.

Deixarei aqui dentro de  
um copo d'água, no  
cabide do teu guarda-roupa  
a minha epiderme  
que, talvez, sobreviverá  
se teu coração souber  
alimentá-la.

Levarei não só tua epiderme  
mas todos os teus desafetos-afetos  
dentro do meu "pulmão".

Quero respirar você e  
"poluir" meu ambiente  
de você.

Não lavrarei campos sem  
pensar semear você,  
não seguirei luas nem  
estrelas sem pensar  
seguir você.

Rezarei você ao  
crepúsculo de cada dia...

Amém.

## FLOR LUNAR

Ando pensando em assassinar  
a lua.

Quero pegá-la na hora  
mais vesga,  
quando todos os sonhos  
estiverem desfeitos.

Então andarei soturno  
ante as flores sonhadas.

Farei silêncio, como a lua o fez;  
não lagrimejarei palavras,  
como as flores o fizeram;  
serei lua minguante,  
como a lua o foi...

Então assassinarei as flores,  
deixarei apenas as lunares  
que já são órfãs.

Por último  
abrirei os olhos de todos  
os sonhos para que vejam  
a outra lua não assassinada.

E como mártir pedirei  
A metade que me falta,  
que sepulte-me sob  
a primeira flor desta  
nova terra.

## FERA-FLOR

Posso não chegar ao  
amanhã,  
mas desejo cravar firme  
as vísceras latentes do meu  
sonho no teu pesadelo de  
Fera-Flor.

Desejo morrer afogado  
no teu pranto e canto  
metamorfósico.

Não desejo ouvir o teu  
coração quero só tocá-lo  
com os meus lábios até  
senti-lo em fusão com  
o meu vôo.

Caminharei suave e morno  
para alimentar-me(como fera)  
de cada pétala  
de você.

Depois de saciado, não  
sei se terei chegado  
ao amanhã;  
sei apenas que aprendi  
o caminho do céu: Fera-Flor.

## TRISTE

Ontem cheguei,  
e como ovário de flor  
esperava você para  
crescermos juntos.

Mas a noite é fria  
e dela tornaste cúmplice.

Encontraste-me triste,  
só triste, nada mais.

... Voltei à flor que  
sempre me espera  
sem sonhos febris e  
sem galos a cantar.

## EXALTAÇÃO VITAE

Tenho uma clandestina vontade  
de matar essa fome de encontrar-me,  
que me corrói

corrompe  
tortura  
e mata.

Vivo bêbado de  
saudades  
angústias  
e amor corroído.

Maldito dedo em riste que me causa  
insônia  
pavor  
medo  
e ódio.

Malditas noites que sempre  
vêm cada vez mais  
tensas  
densas  
corrosivas  
e sufocantes.

Maldita dita, dita vida  
que perfura cáries nos meus  
dentes e planta flores  
em minha cabeça.

## CONFISSÃO SEM DOR

Não, não vou dizer o que  
sinto!

prá que dizer

se o teu sentir é o meu?

Prá que dizer o que sinto

se as tuas verrugas provém

das estrelas que contei?

Não, não vou dizer o que  
sinto!

## INCOMPATIBILIDADE DE TEMPOS

(A Neruda)

Vulgar é este tempo  
que não é meu e tenho  
que vive-lo.

Que tragam o meu tempo de  
volta, ou troquem esta cabeça  
que está no meu pescoço.  
\_ Este tempo não é meu nem  
esta cabeça é deste tempo.

Quero de volta o meu tempo!!.  
Tragam o meu tempo de volta!!.

Esta cabeça que tenho não  
serve prá este tempo:  
ela é metida a poeta, vota  
contra o governo e até  
ama o próximo!.

Quero uma cabeça oposta  
prá eu viver neste tempo:  
viverei serenamente  
e até serei presidente!

## INTRODUÇÃO A VONTADE DE TER VOCÊ

Então cheguei de tardinha  
e sentir falta do teu beijo  
de Kolynos.

Labutei esperanças e sonhos  
mas não supri a necessidade  
do teu corpo de andorinha.

Procurei o teu retrato 3x4  
mas nada ele me disse,  
apenas me olhava com  
seus olhos mareados que o tempo  
mandou marear.

Me procurei no espelho.

Não me encontrei:  
a idéia de você é maior  
e mais forte do que minha  
epiderme marota.

## REALIDADE PRECOCE

E do grato contato  
praticou-se o ato  
que não difere do fato.

Cabeças tontas(ou prontas)  
se fizeram em gritos...  
Opacos.

E derrubaram mitos  
e se perderam no ato  
e rompeu-se o pacto  
e consumou-se o fato.

E do grato contato  
praticou-se o ato.

## DA NECESSIDADE DE AGREDIR VOCÊ

Minto quando digo que a vida  
é boa.

Minto quando sorrio para os  
vizinhos.

Minto quando digo que isto  
logo passará. Nós sabemos que  
isto nós mata. Mas mentimos.

Dizemos que não.

Mentimos quando falamos que  
vale a pena viver.

Vida de dedo nos olhos, de  
gritos na despedida.

Vida de bocas rotas e braços  
presos.

Vida de amigos ausentes, de  
orelhas quentes e de opressão  
presente.

Vida de mortes instantâneas  
em notícias longas,  
vida de tesão contida em  
raparigas públicas.

Vida puta, puta vida!!  
puta que pariu  
essa vida!!!

## AUTO TABERNA

( A nós, Boêmios)

Cabeças se enchem...

Copos se esvaziam.  
Pensamentos nascem...  
Sonhos são postos em pauta.

Copos que se esvaziam.  
Lembranças que se levantam  
e dominam os (e)feitos  
ausentes.  
Atos que se repetem  
e nascem como morreram.

Copos que se esvaziam...  
Bocas que têm sede,  
cabeças que precisam  
voar.

Copos que se esvaziam:  
bocas trôpegas que cantam...  
Ou choram.

Pensamentos que partem  
para nunca mais voltar...  
Ou voltam logo mais.

Copos precisam ser enchidos:  
bocas ainda têm sede.  
Magoas precisam morrer  
afogadas; alegrias devem  
aprenderem a nadar...

... Muitos já se foram,  
sem nada dizer... Ou disseram  
tudo, que ficou perdido  
dentro dos copos,  
que se embriagaram,  
ficaram tontos e se  
espatifaram no solo.

## BOÊMIA

(A nos, Duendes)

- Um trago oco,  
e de amor disposto  
esquece Clarice e  
canta Alice.

- Um trago solto,  
e de felicidade envolto  
chora solto  
sem esconder o rosto.

- Um trago louco  
e de zum-zum no corpo  
ameaça a morte e  
se encolhe amorfo.

- Um trago torto  
e de desgosto,  
o vômito roto,  
rola sem gosto.

- Um trago morto  
e de falar quase-torto,  
segue,  
semi-alado  
semi-solto  
quase-torto,  
sempre-afoito.

## PREMATURA AUSÊNCIA

A primeira noite sem você  
foi sufocante.

O primeiro cochilo não apareceu  
e os galos cantaram mais tarde  
que o de costume.

A primeira hora da tua real  
ausência  
veio bêbada, e convidou-me  
a esquecer a tua falsa  
presença.

Fingi desuso  
e fugi de olheiras pelas  
madrugadas dois filhos da  
lua.

TESTAMENTO Á VIDA  
( A Manuel Bandeira)

Rola dedo, rola perna  
e rola corpo.

Rola paz, rola sono  
e rola amor.

Rola vida curta!  
roda vida curta!!

rota longa... Longa...

## AUSÊNCIA

É

rude

tosca e

bruta

essa falta de você.

É constante, tanto

quanto pulsante

esse mal que não se vê

que me cobra e recobra

a presença de você.

## RETRA TODEFA MILIA

(A nós, abortados)

Afeto

falta ao Feto.

E rogo o afeto que passa  
no fétetro, ao Feto.

Rogo

ao afeto que falta ao Feto  
que não me afete  
pelo fato de mim ainda  
ser Feto, e

Feito Feto:

expludo

e

poeto.

## CANTO PARNASO

(A John Lennon)

Do doce encanto  
decanto e canto  
o voar do pranto,  
antes, santo.

Feito pranto, santo  
encanto o canto:  
terno, eterno  
eterno e terno canto.

Cante o canto  
cantador cantante  
que o doce canto  
encanta o pranto...

Antes, santo.

## MARIA E JOÃO PERNALTA FILHO

Antônio Pernalta Filho.

Filho das brumas(não confundir com plumas).

Filho das entranhas da fome  
e da rudez;

filho do aperto parafusorio,

filho do sono tonto;

do trampo Santo;

tanto trampo: sono tonto.

Antônio Pernalta Filho.

vendeu o sono tonto,

vendeu o trampo tonto,

vendeu a vida tonta.

Antônio Pernalta Filho.

Morreu com o sono tonto;

deixou dois tontos, digo, filhos:

Maria e João Pernalta Filho,

que o esperam em um barraco

tonto, tontos de fome.

\* A.P.F. 23 anos, ajudante de mecânico,  
morreu vítima de acidente de trabalho na  
usina Níquel Tocantins em Niquelandia-Go  
na madrugada de 25 de março de 1.982.

## HOMEM: ANIMAL RACIONAL

Bar:  
garrafas,  
copos,  
cacos,  
testa sangrando.

Pólvora:  
Fogo,  
ferro,  
tinir,  
buraco no peito.

Desejo:  
dor,  
viver impreciso,  
- Preciso viver !.

Entre luzes, traços,  
pinças e gráficos,  
agulhas labutam  
bisturis rasgam e

o sangue envelhece.  
O peito envelhece.  
A vida envelhece.

A noticia, novinha,  
rasga a cortina e  
descortina o homem:  
Fera racional.

## POEMA ENTRE ASPAS

Hoje, eu confesso tudo,  
ou quase tudo.

Confesso que as cáries  
invadem meus dentes.  
confesso que morro  
como cigarra.

Confesso que sempre  
escovei os dentes e  
jamais desejei primaveras.  
Confesso, ainda, que não  
sou poeta.

Confesso tudo;  
Só não confesso o porquê  
dos meus olhos se perderem  
dia a dia, noite a noite,  
dor a dor.

## CARISMA

Dentro desses teus  
olhos molhados eu  
sempre me perco.

Balucio gestos bruscos,  
mas a palavra incontida  
se faz em atos mansos  
a nadar na tua  
volúpia.

## FATO

Como me concretizei  
em concreto,  
nem eu sei,

aí paro prá pensar  
e só vejo desejos  
de tudo.  
Prá nada.

Muito sono e  
dedos que tocam os cabelos.  
Prá nada.

A imagem distante  
e a vida bem aqui  
se envelhece  
como duas botinas.

Claro que há esperanças!!  
pois às 03 da manhã,  
labuta quem tem esperanças  
luta quem tem esperanças  
grita quem tem esperanças.

Me desconcretizo  
e saio prá vida  
que também dorme e  
cochila e... burla.

MACEDO I

Faz tanto tempo  
que não me perco...

Silenciosamente o cotidiano  
aninha-se em minha mente.

Haverá, certamente, uma  
idade futura mais jovem  
com menos vontade de comer  
e com mais vontade de viver  
com vida.

Com menos cálculos, sirenes  
e capacetes, haverá mais tempo  
para nós nos perder-mos:  
na vida  
prá vida  
com vida  
de vida.

## MACEDO II

Tenho muitos pactos  
alguns engolidos pela  
vida  
outros por mim.

Muita magreza tinham  
meus pactos.  
Com tantas panelas a coagir  
o fogo como poderia  
eu sair ileso do  
bico da beija-flor?

(Pacto I)

Nasceu quando vivi  
- Morreu?  
... Prá que dizer  
se escrevi!?

(Pacto II)

Existiu.

(Pacto III)

Virá.

## PRIMAVERA

( A nós, Crianças)

Já fui feliz.

Tive dois galos de briga,  
uma vara de pescar  
e um casal de periquito

Já fui feliz.

Tive bolinhas de gude,  
estilingue de goma viva  
e até saco de dormir.

Tive bola de capotão,  
bicicleta de farol  
e relógio a prova d'água.

Tive mochila, sonho e álcool.

Tombo, leve.

Leves tombos, tive.

Tive subnutrição inculta  
inculta, a vida, teve-me.

## CIDADE PEQUENA

( A Jussara – GO.)

Sentar na praça.  
Praça de cidade pequena.  
Tirar a camisa e mirar  
o sol, poente.  
Sentar na praça.  
(De tardinha)  
de cidade pequena,  
praça.

Que pena;  
os metropolitanos  
têm muita estrada  
muito carro  
têm piscina, sauna, disco a laser  
avião a jato  
têm video-game, videocassete e  
videopôquer.

Têm  
muita eletricidade e  
muita razão

mas lhes falta

Uma praça, de cidade pequena,  
(de tardinha).

## VELHICE

Não me pergunte  
porque não há flores neste canteiro.  
Estes anos reluzentes de  
sabor obscuro não gerou  
tantos cabelos brancos  
quanto devia.

Há tantos transeuntes  
sorridentes de bochechas  
grandes,  
que até parece  
que não usam uma vida  
postiça.

Não me pergunte porque.

## LIBERTAR PASSARINHOS

Já houve um tempo  
em que  
era comum Sonhar.

Um tempo houve  
que o comum era Ouvir.

Há um tempo  
em que comum é  
criar passarinhos.

Um tempo há  
em que criar  
passarinhos é comum.

Haverá um tempo  
em que comum  
será libertar passarinhos?

Um tempo haverá.

Haverá passarinhos?

VRUM

Vrum.  
Vrum vrum.  
Vvrum vrum vrum.  
Vvruuuuuuuuummmmm.

Vrum vrum.  
Vrum.  
Vruuuuuuuuummmmm.  
Vrum vrum vrum.

Vruuuuuuuuuuuuummmmmmmmmmm.  
Vrum vrum vrum.  
Vrum vrum.  
vrum.  
É a vida.

## TEMPO I

Algumas palavras  
andam mortas  
em nossas bocas,  
precisamos acordá-las  
antes que morram  
em nossos corações.

A felicidade passa  
em debandada feito  
cotia em pantanal.

Estamos inermes  
amordaçados  
pelo tempo que voa  
feito sinal de TV.

O beijo de outrora  
deu lugar ao agora  
que não tem beijo  
não tem festa  
não tem livros,

nem banco de praça,  
nem dança,  
só pança.

## LUZ

Esse tempo sem luz  
me aprisiona dentro de ti  
e nem paredes há para debater-me.  
Oh! saudades do tempo de vaga-lumes  
minhas asas eram enormes e  
as goteiras do pé de tamarindo  
traziam uma felicidade esquisita  
tipo dentadura nova.  
Oxalá esse tempo seja breve.

## O BEIJO

O primeiro fez splhess  
o segundo smeshs  
e o terceiro,  
o terceiro...  
Cataplun!

## CAPITAL S/A

Andam dizendo por aí  
que a amizade acabou,  
o amor acabou.

Andam dizendo.

Dizem por aí  
que a dor é constante  
o odor freqüente  
a solidão presente.

Dizem por aí  
que a inveja é abundante  
o preconceito, dizem, é  
pungente.

Andam dizendo por aí,  
coisas afins.

Não acredita !?  
“Pobre” homem do campo  
nem sabe o que se passa  
na cidade grande.

## TEMPO II

E o tempo chegou,  
Veio montado em um corisco  
tão rápido, tão veloz

que nem tempo tive  
de apear da minha  
adolescência.

Quantos ensaios de rugas  
já apregoas na minha face  
e eu ainda nem perdi  
o gosto por  
bolo de padaria.

Já amarelas os meus dentes,  
pintas de branco meus cabelos  
e aninhas um cotidiano métrico  
na minha vida

e eu ainda nem perdi  
O cheiro de picadeiro  
de circo.

## ADEUS

Há muitas maneiras  
de se dizer adeus,  
a que mais me dói  
é o adeus recíproco,  
que não convence.

Mente.

é o adeus de grunhidos  
que não só vence...

Revenge.

Não trago você em  
pensamentos de Shakespeare...

Talvez de Neruda  
escovando os dentes com  
palavras que não se  
pronunciam...

Denunciam.

## DADOS DO AUTOR

Valdir L. Queiroz nasceu em Jussara-Goiás, onde viveu até os 19 anos, num tempo em que a liberdade era abundante e pungente. Exercitou como poucos essa liberdade, viajando por quase todo o país mais Argentina, Bolívia e paraguaia apenas com o “polegar”.

Quando o gás da liberdade tornou rarefeito, deserdou-se da cidade natal passando por Goiânia, Niquelândia, Belo Horizonte, Santa Bárbara – MG. Barão de Cocais – MG. João Monlevade – MG. Paracatu – MG.

O périplo por estas cidades durou 12 anos, sempre exercendo a profissão de Químico Industrial. Desde 1990 reside em Goiânia onde se tornou microempresário.

Durante todo estes trajetos com ou sem ar rarefeito, sempre arriscou untar palavras em um pedaço de papel.

Teve seu primeiro trabalho publicado na 1ª Antologia dos Poetas Internautas: Uma coletânea de poesias de vários autores publicada pela editora Blocos.

Tem agora o seu primeiro livro solo publicado através do 2º concurso Blocos de poesias onde concorreu com 273 poetas.

Contato com autor:

[valdir@avbbrasil.org.br](mailto:valdir@avbbrasil.org.br)

Com o intuito de, cada vez mais, incentivarmos os poetas com obras escritas em língua portuguesa, promovemos o 2º Concurso Blocos de Poesia, que contou com a participação de 273 originais, dos quais foram escolhidos dezesseis vencedores, sendo que dez deles estão sendo publicados nesta Coleção, numa demonstração incontestável do potencial criativo e da riqueza estilística da produção poética atual. Potanto, com muito orgulho apresentamos os poetas que, neste final dos anos 90, fim de século, mudança de milênio, contribuem, efetivamente, para um maior entendimento dos símbolos do mundo.

Os editores



Blocos Editora  
Caixa Postal, 113771  
24900-970 Maricá/RJ  
Telefax: (021) 637.1636  
<http://zaz.com.br/blocos>  
e-mail: [blocoszaz@zaz.com.br](mailto:blocoszaz@zaz.com.br)